Anais do Semana de Ciência e Tecnologia da PUC Goiás 2014
Disponível em: http://pucgoias.edu.br/ucg/prope/pesquisa/anais/2015/index.htm
ISSN: 2177-3327

FRACASSO ESCOLAR: PROBLEMATIZANDO RESPONSABILIDADES DO ENSINO/APRENDIZAGEM DA HISTÓRIA

TEODORO GONÇALVES SILVA[1]

PROFª. DRA. LIBERTAD BORGES BITTECOURT (ORIENTADORA)

Resumo: O presente artigo tem por finalidade problematizar as causas e as possíveis soluções para o fracasso escolar, buscando examinar também o papel que se atribui à escola, ao educador e à sociedade nesse processo, incluindo a analise de fatores internos e externos à instituição de ensino. A metodologia adotada será a pesquisa bibliográfica. Espera-se, como resultado, compreender a problemática que envolve o fracasso escolar, apontado pelos autores arrolados para debater o assunto, objetivando instigar o debate tanto por parte da sociedade quanto pelos profissionais da área a respeito do tema.

Palavras-chave: História, ensino e fracasso escolar

Abstract: This article updates by O tem problematize Propose as causes and as Possíveis or school fracasso soluções for seeking review or paper também attributable à escola, educator and à sociedade ao processo nesse, incluindo to analise internal and external fatores à instituição of ensino. A methodology will be to adotada bibliographic research. Wait, is, as a result, problems that compreender to evolve or school fracasso, apontado hairs for authors arrolados debater or assunto, aiming to incite or debate both by da sociedade da quanto hairs profissionais area respeito do it.

Keywords: History, teaching and school failure

A história, como uma ciência histórica que é produzida ou faz menção à historia em processo, seus progressos e avanços na busca de rigor cientifico, questionando as verdades absolutas e passando pela História da Educação brasileira, possibilitará o estabelecimento de uma analise a respeito da problemática do fracasso escolar, questão que aqui examinaremos.Esta não pode ser analisada sem a contribuição de autores que são referência na área educativa e suas principais obras a respeito do tema em debate.

---

[1] Teodoro fez filosofia no seminário católico em Ribeirão Preto/SP (1981à 1983) e teologia iniciada em Ribeirão Preto/SP em 1983 e concluída em Goiânia no seminário Santa Cruz em 1987 (cursos livres). É licenciado, bacharelado e graduado em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás no ano de 2006. É também pós-graduado em educação-Docência Universitária pela mesma instituição (2006-2007). É graduado em História também pela Puc-goiás em 2012 e pós-graduado em História Cultural pela Universidade Federal de Goiás (UFG/Goiânia) (2013 e 2014).

Como licenciado em História e na condição de aluno do curso de Especialização em Historia Cultural considero de suma importância suscitar o debate sobre o baixo rendimento escolar e as problemáticas disso decorrentes, para que se possam encontrar soluções ou meio de enfrentar a questão na pratica educativa. Pretende-se investigar os fatores internos e externos ao ambiente escolar, que podem levar ao fracasso. Observando que a falta de interesse para a formação de profissionais da educação ampliou-se devido à má remuneração e desqualificação da atividade docente e pouco investimento na área educativa.

Nesse sentido, especialistas assinalam que o fracasso pode estar relacionado a uma serie de questões como à má formação dos profissionais da educação e também às grandes disparidades econômicas e sociais que influenciam no processo de ensino e aprendizagem dos discentes em todos os estados brasileiros.

Nesse passo, Paulo Freire destaca a necessidade de respeito ao conhecimento que o aluno traz para a escola, visto ser ele um ser social-histórico. Define essa postura como ética e defende a ideia de que o educador deve buscar essa ética, a qual chama de "ética universal do ser humano" (FREIRE, 1996, p.16). Afirma ainda que "não há docência sem discência" (FREIRE, 1996, p.23), pois "quem forma se reforma ao formar, e quem é formado forma-se e forma ao ser formado" (FREIRE, 1996, p.25). Ao mesmo tempo reitera que "quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender" (FREIRE, 1996, p.25).

Para Freire, a profissão de educador requer aceitar os riscos do desafio do novo, enquanto inovador, enriquecedor e rejeitar quaisquer formas de discriminação que separe as pessoas em raça, classes. Acima de tudo, ensinar exige respeito à autonomia do educando, tópico muito mencionado, mas efetivamente pouco considerado.

E sendo sujeitos culturais, criam-se vínculos, sentimentos, mundos, literaturas, modas, arte etc. Tudo enreda e diz que mesmo sem caminhos traçados constroem-se historias e cultura que enraízam, envolvem e identificam a escola. Sendo, portanto, lugar de encontro de muitas pessoas, lugar de conflitos.

É na tensão viva e dinâmica desse movimento que se organiza a principal função social da escola: ensinar e aprender para professores, crianças, funcionários, famílias. É importante que na passagem do ensino fundamental para o médio não haja rupturas no processo de ensino–aprendizagem, mas que haja continuidade. Relacionar as atividades do cotidiano de suas casas e espaços próximos, também aprendendo e dando sentidos à realidade viva do mundo que as cerca, com cuidado para a compreensão de tal fator. É essencial que elas possam sentir a escola como um espaço diferente de seus lares, visto que aquele se organiza como espaço publico e não privado como a casa, se sintam acolhidas e também possam continuar aprendendo criativamente. Assim a escola pode ser um lugar de afirmação do que as crianças e os adolescentes necessitam e sabem ao mesmo tempo que os leva a mudanças significativas, podendo enxergar novas possibilidades de vida.

Maria Helena Sousa Patto (1999) define algumas possíveis causas do fracasso escolar:

- A inadequação da escola decorre principalmente de sua má qualidade, da representação negativa que os seus profissionais tem da capacidade dos alunos, consequência da desvalorização social, dos seus usuários mais empobrecidos;
- O fracasso da escola pública elementar é o resultado inevitável de um sistema educacional congenitamente gerador de obstáculos e realização de seus objetivos;
- Esse fracasso é administrado por um discurso cientifico estudado em sua competência, naturaliza esse fracasso aos olhos de todos os envolvidos nesse processo.
- A rebeldia pulsa no corpo da escola e contradição é uma constante no discurso de todos os envolvidos no processo educativo sob uma aparente impessoalidade, pode- se captar a ação constante da subjetividade: burocracia não tem o poder de eliminar o sujeito; pode, no máximo, amordaçá–lo.

Em face disso, o ensino da Historia, portanto, não pode ignorar a realidade da interação aluno e professor, como assinalado:

> Como afirmamos em outro momento, e pela é na interação sujeito (professor e aluno) - objeto e realidade, a partir da pratica social do presente que se constrói o conhecimento novo, mesmo que este objeto se situe, e epistemologicamente, no passado. A reconstituição do passado não escapa da avaliação do presente, da mesma forma que a compreensão do presente em construção esta comprometida com o seu passado (HORN & GERMINARI, 2010, p.64).

Assim, o conhecimento novo da historia a ser construído será o resultado desse processo da reconstituição do passado, que não deve escapar à avaliação do presente, reiterando que a compreensão do presente se relaciona com o passado. Passado, presente e futuro não são indissociáveis, em uma dialética desejável.

Essa questão, portanto, é desafiante, para não se perder de vista que o ensino e aprendizado são dinâmicos. Sob essa perspectiva, a História, nos dia de hoje, também constitui um campo de estudo bastante especializado, dedicado à produção de um saber especifico para o qual tem concorrido praticas e conceitos que devem ser apreendidos pelos historiadores em formação (BARROS, 2011). Assim, de acordo com o autor, o aprendizado da Historia, como de qualquer ciência, precisa formar o historiador como deve ser formado o bom médico o advogado ou outro qualquer profissional especializado:

> Assim, a luta do historiador e/ ou professor de Historia (...) é a luta contra a injustiça a favor da justiça social sem exageros, e sem querer transformar o professor num 'justiceiro implacável'. O professor pode muito, mas não pode tudo. É, o ensino de Historia não pode se confundir com a letra da lei, nem com matérias didáticos, nem com a reprodução mecânica de clássicos da historiografia brasileira, nem mesmo com operações que passem exclusivamente pelo árbitro burocrático docente (...). a proposta do autor citado é a de que a Historia romperá com o processo de exclusão quando encarar que toda pessoa é potencialmente um ser critico e criativo, capaz de pensar e não meramente produzir (SILVA, www.faced.ufu.br, acessado em 06/08/2013).

A autora enfatiza que o ensino de História deve propiciar e despertar no aprendiz uma consciência histórica- critica e fazê-lo despertar para a sua postura cidadã; isto é, levá-lo a ser alguém menos manipulado socialmente e, mais, levá-lo a ocupar seu espaço no mundo, como sujeito histórico.

Por sua vez de acordo com PINSKY (2009): “esmagado duplamente, de um lado pelo herói, do outro pelo ‘processo’ do qual era vítima passiva, o

homem começa a ser descoberto como agente real da história, como aquele que atua para que ela possa ocorrer". (p. 6). Pinsky assinala esse tópico a respeito da história; o homem em muitas circunstâncias teve que calar-se, ocultando o pensado e sentido.

PINSKY menciona o silêncio da mídia em relação ao que é mais importante na história e se volta para aquilo que chama mais a atenção, mas que tem, historicamente, importância secundária. O aluno em sala de aula, que tem dificuldade de se expressar, está verbalizando seus conhecimentos, não pode ser considerado a figura menos importante no processo da aprendizagem.

De acordo com CHEVALLARD,

> Um conteúdo de saber que tenha sido definido como saber a ensinar, sofre, a partir de então, um conjunto de transformações adaptativas que irão torná-lo apto a ocupar um lugar entre os objetos de ensino. O trabalho que faz de um objeto saber a ensinar, um objeto de ensino, é chamado transposição didática. (CHEVALLARD, Yves.Transposição Didática, Rio de Janeiro. Disponível em: WWW.dbd.puc-rio.br, p.45 Acesso em 12/08/2013)

A necessidade de adaptação do conhecimento, no que diz respeito a ensiná-lo de modo amplo, é considerada unânime no campo educacional, tanto no que se refere aos trabalhos teóricos, quanto na prática cotidiana nas relações de ensino e aprendizagem.

De acordo com PINSKY (2009), ao lidar com a história nada pode ser deixado de lado ou encoberto; é o que ele fala de Varnhagen, quando este tratou da História do Brasil, reforçando estereótipos difíceis de serem superados nos livros didáticos. Por isso é necessário atenção e espírito investigativo, para que, na medida do possível, nada da narrativa histórica seja deixado à margem ou "encoberta":

> O que nos interessa aqui é perceber que algumas ideias básicas de Varnhagen, relativamente ao surgimento da nação, acabaram se tornando lugar-comum e aparecendo como fatos indiscutíveis em praticamente todas as obras didáticas posteriores, até hoje (...) Integra-se o aluno numa corrente secular de pertinência e identidade que inclui, ao mesmo tempo, a luta contra os holandeses em Guararapes, contra os italianos e argentinos no futebol, contra os adversários de nossos pilotos nos circuitos automobilísticos, e contra os inimigos eternos que, com "ideologias exóticas"

> pretendem solapar a unidade nacional (PINSKY, 2009, 16 a17).

Apenas olhando a História pelo retrovisor do carro (expressão que usei na minha monografia, concluindo o curso de história, e também usei essa expressão em sala de aula), é que se pode aos poucos ir vislumbrando a dimensão dos eventos. Os óculos escuros pelos quais enxergamos e como a História nos é contada muitas vezes impedem-nos de uma visão mais apropriada dos acontecimentos.

Reforça-se também o argumento de que, em muitas circunstâncias, a história que o indivíduo aprende está muito descolada do seu contexto pessoal e social, pois esta é construída pelos ideólogos, (uma história produzida em gabinetes) e não a história real, que está mais próxima da pessoa. Sobre esse aspecto, é preciso assinalar que isto ocorre não somente em relação à história, mas em relação às ciências em geral, principalmente às ciências sociais. O acesso generalizado à informação tem mudado também as concepções didáticas:

> Isto se deve porque até 1940, o acesso à escola pela grande maioria da população, ficava muito aquém; a partir de 1950, isto foi sendo melhorado, com maior participação da população na vida estudantil e, uma visão mais aberta e crítica foi sendo formada (PINSKY, 2009, p. 20).

A partir de 1960, de acordo com o autor, a história positivista ensinada nas escolas até então, passa a ser considerada como uma visão reacionária da sociedade e uma equipe de estudantes começa a formar grupos de estudo e a realidade começa a ser questionada. Figuras como Caio Prado Júnior, R. Marques, Celso Furtado e muitos outros, se tornam a base ideológica para esses grupos que começam a se robustecer (PINSKY, 2009):

> Nessa direção, pode se captar alguns sinais alentadores. Há um maior rigor nos estudos históricos; cultiva-se verdadeiro horror pelo discurso demagógico e populista; verifica-se a superação dos esquemas teleológicos. Com isso novos objetos e metodologias penetraram no universo limitado e já mofado da velha história (...) (PINSKY, 2009, p. 25)

Assim, de acordo com o autor, começou a existir uma mudança de perspectiva na História do Brasil e vislumbrou-se uma melhora no ensino da História nas escolas. Começou-se a perceber uma desconexão entre o

discurso daquele que ensinava história em relação àqueles que estavam aprendendo-a.

Se o ensino da história não instrui, não educa e não leva os seus aprendizes a uma visão crítica/consciente e transformadora, deve continuar sendo ensinada sob a mesma concepçao? De espectador passivo, passa a agente ativo e a diferença entre "história natural e a História deixa de ser apenas uma concepção teórica e passa a entrar na vida do historiador e do estudante" (2009, p. 26)

> "Busca-se historicidade, evita-se o historicismo: ao se tratar de um homem noutro momento histórico, resgata-se sua particularidade sem abandonar sua universalidade enquanto ser humano". (PINSKY, 2009, p. 26).

É o ensino que deve se adaptar ao estudante, e não o contrário. O professor (a) tem a responsabilidade de fazer o ensino ser assimilável pelo aluno. Afinal, é ele quem está se instruindo e isto deve ser feito com cuidado e responsabilidade por quem o faz, para que o discente seja capaz de enfrentar o mundo, enfrentar a vida.

Qual a razão porque se escuta muitas vezes: "não gosto de matemática"; "não gosto de português", outro não gosta de história, física ou química? Não seria pelo fato de tais ciências terem sido passadas, ensinadas, como sendo algo pesado, difícil e distante, que só quem é muito capaz e inteligente pode aprender?

E os alunos que tem dificuldades, portadores de necessidades especiais, que na psicologia se chamam especiais? Se essas crianças não tiverem uma atenção especializada, a marginalização delas começa na escola. Podem fazer o caminho inverso, escola, família e grupo. PATTO (1999) trata enfaticamente dessas questões. Não é em vão que o seu livro tem o nome, *A Produção do Fracasso Escolar: história de submissão e rebeldia:*

> Falar de um saber e da sua transmissão, com efeito, é reconduzir a imagem da caixa preta; aquela da sala de aulas onde supõe-se a transmissão de um suposto saber, onde não iremos olhar e, se formos, veremos primeiro o professor, depois os alunos, e quase nunca o saber, sempre invisível, como a filosofia medieval (...). De fato, carecemos cruelmente de conhecimento sobre a vida 'íntima' dos

> saberes nas salas de aulas: a metáfora substancialista que comporta a pretensa transmissão do saber explica, em grande parte, esse desconhecimento. (CHEVLLARD, Yves.Transposição Didática, Rio de Janeiro. Disponível em: WWW.dbd.puc-rio.br, p.49. Acesso em 12/08/2013)

Esse pode ser um risco a que se pode incorrer: falar do saber, do conhecimento, mas ficar na abstração. Para evitar isso, o aluno deve ser conquistado, fisgado; a sala de aulas deve ser, para ele (a), o lugar do encontro, espaço que lhe propicie prazer. Caso contrário estudar, aprender se torna enfadonho e pesado. Usando uma expressão de Paulo Freire, o professor precisa criar parcerias com o aluno para que este se sinta valorizado, importante. Estudar, assim, se torna uma necessidade prazerosa, e não um peso, algo aborrecido e sem perspectiva:

> (...) A história que se conta às crianças, aos adultos, permite, ao mesmo passo, conhecer a identidade de uma sociedade e o estatuto desta através dos tempos. Assim, aprender o estatuto da História no Brasil é acompanhar a constituição do campo e do método da história que privilegia (...) (Nadai, 2009, p. 30 a 31).

Deixando-se conduzir pelo pensamento da autora acima, o ensino da história também pode se prestar tanto a legitimar uma ideologia vigente, como também pode contribuir para formar consciências e cidadãos responsáveis, que queiram e lutem por uma nação mais igualitária, sem divisões e diferenças entre seus concidadãos. Assim, a ciência deve se prestar a beneficiar a vida dos indivíduos e isso, de alguma forma, deve ser mostrado em sala de aula. Senão, pode se tornar um estudo vazio, abstrato e sem sentido para a vida das pessoas.

De acordo com MICELI (2009, p. 38) “a escola não é a única responsável pela educação do cidadão; esta trás algo já aprendido na família, no grupo, nos ambientes que ele frequenta. Este saber na escola poderá ou não ser ampliado, desenvolvido”.

Ensinar História é, portanto, formar o homem e a mulher para enfrentar a vida e, como tal, contribuir para que esta seja vivida com dignidade. É também levar o indivíduo a perceber que a sua história pessoal está dentro da grande História. Aquele que aprende história precisa ter

desenvolvida essa consciência: saber que é parte de um todo, de uma História cada vez mais inclusiva e inovadora.

O que fazer para a educação, o ensino de História empolgue, faça o aluno (a) gostar de aprender? MELO (1987) na primeira orelha do livro, o manuscrito perdido de Freud, inicialmente trás esse pensamento de Fernando Pessoa:

O mythos é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus;
É um mithos brilhante e mudo_
O corpo de Deus, vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo
É nos criou

Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade.
E a fecundá La decorre
Em baixo, a vida, a metade.
De nada morre.

Trata-se evidentemente de um trecho belíssimo, que pode trazer e levar muitas inspirações. Mais, tratando da educação e do ensino de História, da forma como se estabeleceu no nosso país, é fundamental um processo de longo prazo e de um planejamento englobante (a educação, que se pode fazer para que esta realidade possa mudar).

Mais à frente, página: 37 o autor coloca como epigrafe um pensamento de Irwin Edman[2] (1896- 1954): “A educação é o processo de jogar falsas perolas a verdadeiros porcos” (EDMAN apud, MELLO,1987, p. 37).

As estatisticas educacionais apontam ainda o “desinteresse” dos alunos em aprender, devido a diversos fatores: sociais, econômicos, etc., bem como a invasão nas escolas dos problemas gerados em casa, na rua e que podem vir a tona no espaço escolar. Fundamental registrar a questão das drogas; é um fator que está a cada dia mais presente no ambiente escolar. Também a agressão de alunos a professores cada vez mais ocupa

[2]Irwin Edman é filosofo poeta: era PHD pela Universidade de Columbía. Muito popular entre os estudantes da universidade (educador). Nunca se afastou dos problemas práticos da vida. Professor de filosofia nasceu em Nova York.

espaço na midia. Não é por acaso que os cursos de licenciatura não estão sendo muito procurados atualmente.

Caetano Veloso, reportando Fernando Pessoa, canta uma musica que diz: “navegar é preciso”. Aqui no contexto da educação/ ensino de História, pode se parafrasear e dizer: *ensinar ir à frente é preciso.* Diz a ultima estrofe da poesia/pensamento de Fernando Pessoa. Quando a ventania é muito forte não adianta enfrentá-la; esta pode levar quem a enfrenta. Melhor, deixar a ventania passar, para depois continuar a jornada.

Será que não falta essa sensibilidade aos que estão na sala de aula? Muitas vezes, aulas enfadonhas, assuntos que não dizem muito à realidade dos alunos; porque então não se tentar temas que venham responder as expectativas deles? É fácil? Evidentemente que não. Existe uma estrutura que está acima do professor e das suas possibilidades. Mas se quiser uma escola formadora e humanitária, algo terá que ser feito nesse sentido.

É necessária uma pedagogia na qual e com a qual o aluno seja levado em conta e possa encontrar sentido e significado nos estudos para sua vida. O estudo precisa propiciar prazer ao aluno, senão não vai jamais atrair sua atenção.

De acordo com Assmamn (2004) é preciso reencantar a educação. O ensino precisa gerar no aluno o encanto pelo aprender (2004, p. 132):

> Aprender é tão pouco pura adaptação, que implica reagir em resposta a um contexto não necessariamente de êxito crescente. Só se pode falar de APRENDIZAGEM quando o comportamento aumenta manifestamente a eficácia com a qual se processa a informação de maneira que se alcançam os estados desejados, se evitem os erros, ou uma parte do mundo ambiente passe a ser controlada. A consciência pode estar envolvida ou não (...)

Os erros, a correção dos mesmos, não é para dizer ao aluno que ele não sabe, não aprendeu porque é incapaz, mas dizer que ele pode aprender, pode crescer e melhorar. Afinal, corrigir é também educar e educar não quer dizer diminuir o outro, mas apontar o caminho à frente e dizer que ele pode percorrê-lo.

Se isso for feito, se o assunto disser algo à vida do aluno ele, certamente, ampliara o interesse e o aprendizado fluirá. Mas o professor terá também de encontrar estímulos e respaldo por parte do Estado e da sociedade.

Professor mau pago, sem plano de carreira, sem descanso necessário para estudar, pesquisar, nao vai ter entusiasmo para enfrentar a sala de aula; muitos trabalham durante o dia e a noite vão para o colégio: tanto o professor quanto o aluno. Qual a disposição para o estudo? Chega a sala de aula com as energias minadas.

Navegar, saber aonde ir e farejar horizontes é função do educador; aquele que quiser ser um abridor de caminhos para trilhar e levar seus discípulos a fazer o mesmo. O ensino exige isto. E o ensino de história não é diferente dos outros, como a física, matemática, etc.

A Maiêutica socrática aqui poderá ser aplicada por quem ensina: *aprender a ensinar;* tão sofrido quanto dar à luz ao conhecimento. Talvez uma das dificuldades seja, por parte daquele que ensina, *a achar que já sabe tudo!*

PROST (2008, p. 147) diz:

> De fato, na história, compreender é sempre, de certa maneira, colocar-se pelo pensamento no lugar daqueles que são objeto da história que se escreve. Tal procedimento supõe uma verdadeira disponibilidade, uma atenção e uma capacidade de escuta; a vida cotidiana é que permite o aprendizado de todos esses aspectos.

O autor se refere aqui à relação que deve haver entre aquele que escreve sobre a história e aqueles que leem e aqueles que procuram se inteirar de questões históricas.

Aqui no contexto do ensino de história nada impede que isso venha a ocorrer, essa interação entre professor e aluno. E isso possibilitaria, sem duvida, maior interesse por parte daquele que aprende, está aí para aprender. Vai se sentir parte integrante do processo.

Quem nunca se sentiu orgulhoso, quando o professor/professora fez um comentário positivo sobre o seu trabalho, uma prova, uma boa nota! A sala de aula pode ser também propiciadora para o surgimento de uma amizade simpatia e apreço pelo professor/ professora e vice versa! Quem não tem boas recordações e saudades de um professor/ professora que o fez crescer como aluno, como gente, como pessoa? Quem não pode dizer isso... é uma pena! Passou pela escola e não vivenciou a mesma.

Nesse sentido, ensinar História é também descobrir-se e levar os outros ou contribuir para que as pessoas se percebam no espaço em que vivem e na história:

> No entanto, ao descobrir-se, o historiador descobre que é capaz de se colocar no lugar de inumeráveis personagens diferentes (...) A história seria menos fascinante se não combinasse, assim, um conhecimento aprofundado com a descoberta dos outros (PROST, 2008, p. 152).

É um exercício e tanto! Mas, a tarefa do professor/professora não é senão criar pontes entre as pessoas; aliás, o educador tem essa tarefa.

E na sala de aula percebe-se quem faz as coisas porque gosta e se realiza naquilo que faz. Sempre tem tempo para atender os alunos, não gera distancia entre si e seus aprendizes. A vida escolar nos mostra muito isso. Aquele/a que faz da sala de aula o seu *espaço gerador de vidas,* mostra isso não com palavras, mas nas atitudes, gestos, comportamentos. Isso é exagero? A resposta poderá ser dada por quem passou e passa pela sala de aula, por quem ensina e aprende. Algo de humano, bom, verdadeiro sempre fica quando as coisas são feitas com verdades, seriedade e coração!

Ainda refletindo com Prost (2008), para perceber se a importância do historiador em sala de aula e no seu espaço, onde está, onde contribui para a história ser revitalizada e não algo que já passou, onde apenas as lembranças persistem :

> Apesar de todos os esforços que vier a despender para se colocar, pelo pensamento, no lugar de outros, o historiador não deixará de ser ele mesmo (...) Ele re-pensa, re-constititui em sua mente, a exigência humana coletiva da qual está fazendo a história.Em vez dos pensamentos, sentimentos, emoções e motivos das personagens, humildes ou eminentes, acompanhadas passo a passo em seus documentos, ele expõe seus próprios pensamentos; essa é a maneira como ele re-pensa o passado. A história é o re-pensamento, a re-ativaçao a re-açao no presente, pelo historiador de coisas, outrora, haviam sido pensadas, experimentadas e praticadas por outras pessoas. Faça o que fizer, o historiador não pode deixar de ser ele mesmo (PROST, 2008, p. 150).

Ele, historiador, tendo consciência do seu papel e importância como formador e gerador de opiniões, procurará ser ele mesmo em sala de aula, na relação com os alunos, procurando levá-los a tomar consciência deles como aprendizes, sujeitos que estão se formando, tomando assim consciência de suas histórias pessoais que vão compor a história maior: do grupo, do meio social e como sujeito da história como um todo. Tendo o formador/a consciência de si conhecendo se como pessoa, com suas qualidades, grandezas, limitações e possibilidades, sem duvida terá muitas condições para

ver, compreender e contribuir para que os alunos tenham essa dimensão da vida.

Pode-se dizer que o homem se perpetua em suas obras e se reconhece também nelas. Os seus feitos vão estar estampados nas vidas daqueles e daquelas que passarem pelo seu caminho. Mesmo que isso não seja percebido durante a ação (é o que o autor deixa claro na afirmação acima), mas depois isto será percebido. Melhor: reconhecer que sua pratica e ação educadora estão escritas com letras que ninguém pode apagar.

De acordo com (ABUD, 2010, p.79), no que se refere ao

> Estudo do meio e aprendizagem (...) o estudo do meio representa uma excelente estratégia para a construção do conhecimento histórico por professores e alunos pelo fato de unir pesquisa, contato direto com um contexto (meio), sua observação e descrição, aplicação de entrevistas, analise de elementos que compõe o patrimônio histórico e memória.

Pode facilitar assim o estudo do meio ou contexto, a compreensão e interesse dos alunos; e, mediante isso, o trabalho do professor poderá se tornar menos enfadonho, quando percebe que os alunos estão aproveitando, fazendo progresso e crescendo.

Dessa maneira então, ajuda seus alunos a se antenarem com o passado, procurando à medida do possível conhecê-lo, fazer as conexões entre memória e historia e patrimônio e os meios como realizar esta pratica. À medida que isto é realizado em sala e os alunos são estimulados a exercitarem a pesquisa, cada um vai descobrindo seus meios e métodos.

Ensinar historia é também ter presente as dificuldades; como afirma Ruiz, (2013 p.76 a77): “O que simboliza esse momento para o conhecimento histórico? Simboliza, nas palavras de Hartog, que “não é mais possível escrever História do ponto de vista do futuro e que o passado mesmo, e não apenas o futuro tornou-se imprevisível ou mesmo opaco””.

Há uma expressão popular que diz: “está se vivendo e aprendendo”; ou” morrendo e aprendendo”!

Essas duas formas de expressão dizem muito sobre o exercício do conhecimento. Saber tudo! Quem tem tal onisciência? O homem é por demais limitado. Ainda mais agora, na era da globalização, com a internet, as coisas chegam muito rápido, rondam o mundo, mas também envelhecem

rapidamente. Tem prazo de validade; o saber se esclerosa muito, de um dia para a noite.

A lembrança, a memória atualiza de certa forma os fatos e acontecimentos.

Segundo (ASSMANN, 2011, p. 19):

> A afirmação de que Nora sobre a diminuição da memória no tempo presente vai de encontro à tese defendida em um livro feito por médicos, psicólogos e cientistas culturais norte-americanos. Nesse trabalho fala-se justamente sobre o crescente papel da recordação na vida publica e de um novo desconhecido significado da memória na cultura contemporânea (...)

A memória e a recordação podem facilitar a aproximação, a comunicação e podem também contribuir para gerar conflitos. O fato é que estão presentes nas relações humanas. Não tem como deixá-las esquecidas. Como esquecê-las quando se trata de questões culturais, históricas e humanas?

Nesse artigo tratou-se de questões referentes às implicações, conflitos, aproximações, afastamentos e parcerias no ambiente escolar entre professor e aluno. A partir disso pode-se concluir que o trabalho do ensino/aprendizagem é uma tarefa árdua, contudo há sempre a esperança de que isso melhore e de certa forma já se vislumbra certa melhoria nesse sentido mais o caminho é longo.

REFERÊNCIAS

ASMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. Petrópolis; RJ: Vozes, 1998.

ASMANN, Aleida. *Espaço da Recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas; SP: Unicamp,2011.

ABUD, Kátia Márcia. *Ensino de história. Coleção ideias em ação*. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

BARROS, José D 'Assunção, Teoria da Historia: princípios e conceitos fundamentais. V. I, Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CHEVALLAID, Yves (www.dbd.puc-rio.br) acessado em 12/08/2013)

FREIRE, Paulo: *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.

HORN, Geraldo Balduíno & GERMINARI, Geyso Dongley, *O Ensino de Historia e seu Currículo: teoria e método*. 3° edição, Petrópolis, RJ : Vozes, 2010.

MICELI, Paulo. *Uma pedagogia da História* in. PINSKY, Jaime (org) *O ensino de História: e a criação do fato*. São Paulo: contexto, 2009.

MELLO, H. Haydt de S. O manuscrito perdido de Freud, Campinas; SP. Escuta, 1987.

NADAI, Elza. *O ensino de História e a pedagogia do cidadão* in, PINSKY, , Jaime(org) *O ensino de História: e a criação do fato*. São Paulo: contexto, 2009.

PATTO, Maria H. Souza: *A produção do fracasso escolar história de submissão rebeldia*. São Paulo, Ed. Casa do Psicólogo, 1999.

PROST, Antoine. *Doze lições sobre a História*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Edição 2°, Belo Horizonte: autêntica, 2012.

RUIZ, Rafael. *Novas formas de abordar o ensino de História* In KARNAL. Leandro (org). *História na sala de aula: conceitos praticas e propostas. São Paulo*: Contexto, 2013.

PINSKY, Jaime & PINSKY. Carla, *Porque gostamos de Historia*. São Paulo: Contexto, 2013.

SITES PESQUISADOS

WWW.faced.ufu.br acessado em: 06/08/20133

www.dbd.puc-rio.br) acessado em 12/08/2013